
Arte Literária

Construção Civil

(Poesia I)

José Luis Ferreira

Uma edição eletrônica não-comercial da

CASA DA CULTURA

Construção Civil

de José Luis Ferreira

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

Copyright © José Luis Ferreira

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail contatos@casadacultura.org

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



JOSÉ LUIS FERREIRA

POESIA I

**CONSTRUÇÃO
CIVIL**

PORTAGEM

Passamos a vida a passar esponjas sobre o passado, em nome do futuro. Sobrevive-se na orla do sistema, entre os ataques e as fugas forçadas, acomodações indigestas sem contestação, castigos e perdões.

Evitamos - por razões teóricas que interessam hipoteticamente um presente enfrentado em nome do futuro, com a coragem fictícia de todos os avós mortos - que os outros saibam quem nós somos e, afinal, toda gente e ninguém respeita a vizinhança.

Tenho mais de um lustro de maturidade, feita em meio século da pretensa aventura de ser poeta-a-sério, evadido de muitas imposições, no anonimato estático dos grupos onde, pensando ocultar-me, me autodenunciou o brilho anormal de algumas aparências.

Imaginei-me a salvo dos perigos da selva (submisso ao hábito das modas e a irrealistas conveniências de tertúlia, ao arbítrio em voga da maneiras-mais-elegantes de estar-no-mundo), onde impera o culto confidencial e caricato, com que se dá de barato, o traço referencial que perfila as nossas, vulgarmente impróprias, caricaturas. Como se retratos fossem espelhos, como se a importância, de todos os registos guardados vivos no cofre da memória, pudesse constar desigualmente do imaginário estereotipado dos observadores, gravado nos milhentos segundos de intimidade que a vida pública consome...

Boas e más acções, numa colecção de recortes de revistas e jornais, por acaso decorativo, ou por razões de afirmação pessoal e sobrevivência psicológica, de promoção associal, ou elitismo prostibular.

A falta de um salutar sentido do ridículo de estar vivo, diferencia-nos de outros animais terráqueos, que sonham, mas não conhecem a utopia e decorre do desconhecimento das regras universais dos jogos políticos. Crêem eles ser anarquistas quando, por isso, são escravos da burguesia demo-liberal que lhes alimenta o ego e os submete a um mercado baseado no radical psico-histórico que promove as ditaduras

pluriensais vanguardistas onde, invariavelmente, se diferenciam, dos praticantes experimentados na «arte de bem cavalgar em toda a sela».

Há de persistir, por longo período, a ilógica dificuldade de admitir-se a insuficiência dos cinco sentidos escolares de relação primária na formulação das opiniões. A influência do monolitismo linear da irracionalidade comum prevalecerá, na eleição de qualquer estado paranormal como a paixão, a inveja e o ciúme, o ódio e a alucinação intermitente, como instrumento de paralisação mental da vontade.

Mesmo que a boa moral permaneça proibitiva de tudo quanto seja cuspir no chão, vomitar ou excretar publicamente coisas com mau cheiro e mau aspecto (salvo seja)!

Qualquer sociedade evoluída joga o jogo sistemático da sublimação. Exibe-se em artes de palco com o umbigo tapado por um pudor subtil.

A sofisticação das verdades fundamentais – que, por não poderem ser assimiladas, não eram, obrigatória e ostensivamente recusadas – manifesta-se muito menos, nos dias de hoje, do que nos gloriosos tempos em que a liberdade era um bem intangível, privado e vigiado inter-pares.

Esta é a história infantil preliminar que tenho para contar-vos, queridos concidadãos do império da língua portuguesa, no pórtico de entrada desta colectânea de escritos, intencionalmente recuperados, extraídos do sarcófago onde morei convosco, anos-a-fio de viagem, dias inteiros de pesadelo, rosnando revoltas, cometendo erros sobre erros, conspirando em vão e praticando a ginástica de alcova, como desporto favorito, até o dia em que alguns militares venceram a tropa e começaram, às escondidas, uma revolução exemplar.

... e a prosa de alguns poetas se fez verso.

A gramática reacertou o passo pela métrica. A estética pela rima. A poética pelo sado-mazoquismo que caracteriza os estádios culturais mediocráticos. Com singular atraso (antes e depois dos Cómicos), o teatro burguês motorizou-se, automatizou-se. Os bancos melhoraram o aspecto histórico da quantidade de dinheiro. Caíram as fronteiras. Desnacionalizaram-se as nacionalizações. O analfabetismo ressurgiu com pompas académicas e eu desertei do cosmopolitismo militante.

Agora sim! Eu, que passei a vida airada falando para dentro de um buraco, atrevo-me a este luxo gratuito de falar do buraco para fora, sem-vergonha-nenhuma de continuar a ser exactamente-igual-a-mim-mesmo. Humano. Habitante deste planeta. Onde coexisti socialmente com outros apreciadores de cadáveres cozinhados, que digiro (e dejecto, de facto!) com a higiene espúria que este ecossistema consente.

A memória sensitiva do meu software biológico – com a sorte azarada que me integra nesta nossa era mitificada pelos calendários polémicos

de «*um fim de século obscuro*» - não me faz temer os medos novos e diferentes daqueles com que convivi. Que acabariam por gerar o subdesenvolvimento cultural generalizado que muitos carreiristas da nossa Terra ritualizam, prodigamente! Eles insistem e reclamam o comedimento das maneiras, embora admitam vir a reconsiderar a expressão definitiva da palavra. Pré-avaliar os termos e a construção da frase. Contextualizada, convenientemente legalizada, porém, com selo de origem garantida e acreditação, politicamente correcta.

Muitos deles têm procurado converter a literatura numa espécie de relatório ou anuário, dominado pelos duzentos anos da tradição convencional das ciências positivas. Cobram dividendos, comissões, royalties, directos e indirectos, sobre o trabalho dos outros. São os capatazes do proletariado intelectual das artes literárias, renascido das cinzas da imprensa. Cavalheiros de indústria e banqueiros da cultura.

Contra eles, travo uma guerra visceral desde o dia-a-dia em que tive a consciência exacta de termos sido paridos por igual. Como os porcos. As baleias e os vitelos. Ovo, porém, feto e nascituro que fui, no curso de nove inesperadas luas, transmutei-me num mamífero moderno.

Eles obrigaram-me, outrora, a falar baixinho - a mim e aos outros (...«para não acordar as crianças doentes do meu País») - apelando à conversão geral. Para que todos nos reconciliássemos num submundo corporativo transferido, reajustado, semi-oficializado, quase estatal, que eles minaram e hegemonizam e com o qual somos coagidos a conviver, per omnia secula. Porque estão implantados nas cidades, idênticas (na origem e na desconstrução) que tomaram de assalto, enquanto o povo adormecido sonhava com a Liberdade. Nas cidades modernas, erigidas sob os cadáveres omissos dos seus fundadores verdadeiros, na dinâmica acelerada do «struggle for life» quotidiano.

É nas cidades que os mais afortunados se eternizam uns aos outros. Imobilizando o direito e eclipsando os créditos devidos ao anonimato público dos autores verdadeiros, artistas, técnicos e cientistas, dos historiadores e filósofos, do operariado anónimo e suas vulgaríssimas mães (porventura algumas das mais belas mulheres do mundo).

Sempre que vislumbram um autor faminto, ou o sentem demasiado próximo - perigosamente próximo - do poder que autopreservam e fiscalizam, contra a perda do mandato, democraticamente alcançado, de guardiães permanentes, há que comprá-lo, promovê-lo, ou bani-lo.

A promoção da verdade é uma missão cada vez mais desestabilizante e impopular. Faria apear de sólidos pedestais, as estátuas vitoriosas dos mais tranquilizantes antepassados do poder. À hecatombe das suas interdiscutidas políticas seguir-se-ia, portanto, a desacreditação do seu próprio estatuto oligárquico de senhorio. Incólume, ainda.

Esta é a tradição milenar, o herdo de uma jerarquia dissoluta, que padronizou heróis, para glorificar impérios.

Na terra que me é pátria os líricos são, historicamente, condenados a submeter um ou mais panegíricos épicos à coroa, na expectativa de um despacho favorável ao pagamento das pensões de sobrevivência.

Vivo portanto o amor feliz de ter assistido ao fim(?) desses séculos de tirania e execrando feudalismo, aparte o mecenato íntimo e boémio, que superava o fanatismo judicial e o seu corrupto normativismo.

Vivi ainda algumas décadas encastoadas no saudosismo providencial desses ritos iminentemente sebastianistas de vigilância cultural, de obscurantismo mental e irracionalidade paternalista, supostamente, hoje, em vias de extinção.

A cidade, no urbanismo, como na urbanidade, reconstrói-se, com pedra, tijolo, ferro e betão, lei a lei, sobre as árvores abatidas, decreto a esgoto, esgoto a rua, regulamento a estacionamento, desventrando a raiz monumental subterrânea do passado, portaria a metropolitano, tubo a veredicto, fio a minoria, intimação a comunidade, telha a telha, despacho a loteamento, regra a janela, porta a edital, notificação a ponte, a viaduto, gás, electricidade, transportes e comunicações

A cidade parece, todavia, obedecer ao projecto fatalista de um arquitecto-jurista suicida, cúmplice preclaro do idealismo exausto da próxima ditadura universal.

Jaz em Santa Comba o estadista que mandou para a guerra a mocidade portuguesa da minha geração. Por mais que salvasse a Nação, ele queria a fé e o império instalados, no mundo africano. Vingar, heroicamente sentado, numa cadeira do palácio de S. Bento, a memória curta e longínqua do reinado de D. Sebastião.

Por mais que ambicionasse esse mundo (ou por tanto desejar oferecê-lo aos plutocratas desobedientes que partilhava com o clero) ele imolou a dimensão liliputiana das suas cidades medievais. As formigas acéfalas que morriam construindo as habitações periféricas onde nasciam militares condenados à vitória ou morte. Onde habitava o absentismo eleitoral e dormia a Oposição semi-alucinada, contra o fanatismo rústico do seu regime. A sua sapiência pegajosa inunda de ignorância autárquica as guardas municipais, as regências paroquiais e os condados monásticos que comandavam a escola, ministrando a história pátria dos romanos e a geografia administrativa das colónias, explorando normativamente o que nela restava de original, porque ninguém precisaria, de facto, de coca-cola e hamburguers americanos. Um canal inteiro de televisão bastava, para espreitar as tristezas da guerra ultramarina e a alegria anglo-francesa do mundo. Um preto-e-branco que rivalizava com as cores nacionais da república do tremçoço.

... e há de ser por isso que só a cidade poderá, com tudo quanto tem de civil, em construção, com as formigas e as cigarras perdulárias que as contam (e cantam, como eu) destruir definitivamente, sem ódio nem vingança. Sem remorso e com rancor, a ameaça de escuridão que sai das lápides e estátuas (escondidas pela inconsistência democrática) e - deformada, embora - persiste, na memória magoada que, involuntariamente guardo, do poderoso ditador, coetâneo da rebelião mais profunda e frustrante da minha juventude.

a Mário Soares (*na sua primeira candidatura presidencial*)
àqueles que constróem a cidadania,
aos que projectam,
habitam e defendem as cidades

A CASA E O TEMPO

A minha casa é o tempo
espaço à volta céu o tecto imenso
é chão terra inculta rocha dura
o pavimento
e as paredes são cinco

As portas convenção abrem-se toda volta
desde a manhã tinta de amor
do meu descompromisso
com a vida

A minha casa é velha
tem dois fantasmas esfumados neve guardados na cave
seixos dos Alpes
fósseis do Pamir
dentes de elefante

Não tem retratos de mortos
ferrugem de armaduras
ratos pó de séculos nos desvãos
do sótão

A minha casa é o tempo
povoado de silêncios sinais vindos do éter
como luzes de fogueiras
pecados mortais

A minha casa é um templo
sem cruzes sem pratos
de balanças o ouro a prata os diamantes
dos tribunais

Passam-lhe ao largo os peregrinos
com seus punhais de fé
empurrando canhões bebendo lua-cheias
com seus séquitos-de-escravos

Olham-na ávidos de usura os benfeitores
os caminheiros ricos
os cães uivantes e os presidentes
das instituições

A minha casa é o tempo
roubado à angústia dos nascituros
dou-ta por um sorriso livre de encargos
e as paredes são cinco

CIDADE

Abro as janelas para a noite fria a mágoa
rouxinóis sem asas esgueiram bicos soluçantes
nascem-lhes cardos do sangue o romantismo seca-os
poesia explorando o ignoto na escuridão (poesia feto)
envergonhada de impotências odiada de frios
a brilhar reflexos de pirilampo a apagar luas fictícios

Recônditas hipnoses oscilam-se sombras
passeiam ao vento semeado de avenidas sem memória
anúncios e transportes colectivos com gente a correr
a cidade toda inteira arfante enevoada de crianças a chorar
folhas de papel vermelho escuro de lustro
com reflexos flácidos de poentes-meridionais

ou lugares ambíguos companheiros-de-natação-em-copos-de-uísqui

Caverna de cratera de vulcão-cansado de ferver lava
bafejo fechados os vidros da janela sorvo magnólias
aspiro estalidos picantes com sabor a remédio
enquanto imagino homens bizarros concebendo arquitecturas
espaços sonâmbulos com mulheres drogadas e filhos nus
que se cansaram de fugir e voltaram para casa

E em cima disto tudo nada dança ninguém canta
o silêncio à minha volta é uma constante e as coisas
continuam lentas a exhibir o seu espreguiçar de águia
a inspirar frio a suar baixinho fabricando vento
a noite é um imenso templo gótico sem estrelas
a ecoar a zoadá promissora dum vendedor-ambulante-de-cautelás

EXORTAÇÃO

Diz-lhes que pensem amem e cantem
que se suicidam de indústrias
de máquinas stands e supermercados
que é vida o vinho das uvas
e Baco nem por isso foi um-deus-mau-de-todo

Diz-lhes que mesmo entre eles há homens que choram
e a cidade é madrasta ímpia e fumarenta
implacável e totalmente feita
com dinheiro

Diz-lhes só espera !
Ou
não lhes digas nada tu também
espera
porque eles hão-de recusar-se
é evidente

Verdadeiro silêncio é a espera !
sacode a tua solidão
cantando

Sabes que ? Pois tu sabes
que há uma natureza diferente em cada lírio
e eles andam preocupados com isso

Não durmas que o sono é o parasita maior
nunca esperes dormindo
mas cantando
enquanto eles põem uma ordem em tudo
e fogem às leis do universo
inventando regras e normas e decretos
heróis, deuses sábios e processos
mais higiénicos e definitivos
de matar

A ordem é a hipótese mais fácil
o método a maneira de a justificar
e a disciplina não existe
sem farda militar

Espera que é verdadeiro o silêncio da espera
e não vão fazer-te mal por isso
sacode a tua solidão
cantando

PRETEXTO ZERO

Quando já não valer a pena lutar
porque os vencidos tenham envenenado o ar dos vencedores
quando tiverem acabado as conspirações
porque tenha deixado de haver justiça tribunais e correctores
quando tiver acabado a fome de matar
os julgamentos de guerra as naves piratas e as execuções
os combates sob o mar e os risos das assembleias ...

Quando se tiver decidido o resto
a sorte do planeta e a extinção da fome e a fobia do poder
os excessos do mando funesto
E o resto
Resto: igual a perder
Resto zero

Quando já não for de crer em gestos
em olhares e mãos a acenar adeuses ao longe na noite escura
e estiverem secos definitivamente os cardos
e as dimensões se resumirem ao comprimento e altura
imperarem os festins indigestos de fumo fabril
cal e folhas secas sepultarem leopardos
os outros bichos enxutos pelo vento ...

É de ir senhores ! é de ir ao saque com toda a infantaria
desventrar os mortos é o intento
levá-los de olhos postos com lâminas nas veias
sangrá-los a passo de jumento
sobre a brancura tostada das areias
paredes meias
com o resto
protesto
resto zero

POEMA A UMA CONVICÇÃO

um prémio Nobel
 luzes da ribalta
 o gesto comedido
 é preciso ferir com requinte
 limpem o catafalco
 Ramsés segundo esquerdo
 vamos de barca
 um caminho pró inferno

uma bomba de cobalto
 fogueiras de são João
 pouco importa aos anjos que haja liberdade
 filhos das trevas
 pergaminhos velhos
 viemos do passado
 uma execução

trovisco no nariz salvas de prata
 isto não é um sorriso é uma afirmação
 medeia meio mundo entre nós e um solstício
 capricórnio dentes sujos
 que gente tão complicada
 carícias nas mãos
 no coração

e cinco resmas de esperanto
 isto é uma resposta
 prudência no olhar
 sem lágrimas nos olhos
 isto é uma exortação
 viva a pátria dos deuses
 isto é uma ordem

três alqueires de estatueta
 um beijinho na teta

 somos estranhos ao sol
 somos heróis por herança
 isto é um caminho

escarro no chão

um balão de esperança
 aqui na minha terra
 e arame farpado

URBANA I

Não é poema de dizer nem de escrever em parte alguma
 nem é
 não é poema de perder a assobiar ao vento
 nem de confundir-se com desenhos
 nem de rimar

Não é poema de sofrer um sofrimento sem sorrisos
 e sem lágrimas
 porque é de estar à espera o poema

É de procurar duma copa de árvore
 um conchego de ave calor de ninho
 e poema de à deriva uma criança
 entoar sozinha à noite
 em busca do perdão de ter nascido
 quando os crescidos dormem e a cidade
 imaginadamente
 socega nas ruas sem ruído de máquinas
 sem estertor de choques sob silvos de ambulâncias
 numa madrugada oca seca
 em véspera de feriado

É de insónia o poema
 de olhar vago embebedado de cicios distraídos
 do trautear de músicas ao ritmo
 de pares de dança
 poema de trazer poesia de uma boíte
 na mancha de bâton guardada num lenço emprestado
 com pedacinhos de saudade
 e já sem cheiro a flores nenhuma

Não o poema não é de saber-de-cór
 e servir depois em qualquer parte
 aperitivo e distracção
 sobremesa castigo ou perdão não
 é um rito só ténue vulgaríssimo
 e sem fausto nenhum
 é de sentir por dentro o poema

Perde-se em tempo nenhum uma mancha rubra
de cigarro a arder no escuro
enquanto do mar ao longe extraído da memória
ondeia um ruído com gemidos de água e sobe
lentamente uma neblina amarga
com cheiro a sal molhado lágrima
misturada a uma carícia com a forma das tuas mãos
ainda inseguras da vida e distantes da cidade

Não o poema não tem rima nenhuma regra dentro
é de sonhar com a miragem sortilége da noite
uma noite inteira à roda
de um canteiro de flores ébrias de sombra
e de silêncio

URBANA II

Sabes-me a zero com dois pires de silvas puras
 sou um homem morto com funerais à espera
 e as lágrimas e os sorrisos e um a menos
 as pessoas andam à procura umas das outras na memória
 e têm um vida cada uma cravada nas costas
 e um espelho a vendar os olhos

confesso as tuas culpas por inteiro para perdoar-me
 e responsabilizo-te inocentemente por cada opinião
 incòlumentemente enfrento a minha sombra e circulo
 perpasso um trânsito para sempre uma rota
 um desconhecido filisteus ! façam perguntas ! eu
 tenho uma palavra amarga a aliviar-te as dores

imagens borbulham-me na boca com som de palavras
 é inútil vem dos sonhos tem uma pré-história
 quis escrever-te uma carta e saiu-me um carnaval
 e as máscaras e uma mão ao ombro desmembrança
 tenho dois exércitos de soldados de chumbo e um cadinho
 alquimista ! o ouro faz-me falta concerteza
 é preciso acreditar superiormente nos milagres
 feiticeiros chamãs um arquipélago de gente

odeio a descoberta da América e o tráfego da Índia
 e os combustíveis persas os vidros da Fenícia
 sou pelos cavaleiros sem tábua pelos quixotes mortos
 um herói tem obrigações mortíferas e jús à sobrevivência
 e os poetas de hoje não foram os primeiros neste mundo
 Baudelaire meu caro - poeta entretanto falecido - adeus !
 eu também aspiro a um mausoléu de pedra com poeira dentro
 não faço discursos à sociedade em nome da fome e da sede
 sou pela vontade de comer contra os cevados

viva o acesso ao pão sem preço exacto como o subentendo

URBANA III

dois anjos mortos no jardim e um cavalo alado
 pégasos grifos esfinges e dragões
 um lago com cinco peixes mortos a fascinação da chuva
 ao crepúsculo as ruínas ensombram silhueta de castelo

Paradou por entre verdes um rosa esvaído um pôr-de-sol
 e depois? por quanto tempo é possível odiar-se a cidade?

voltei à noite e não havia faunos na floresta
 o nevoeiro omitia o contorno das referências a cabeça à roda
 fiz perguntas à minha memória uma grande insegurança
 os amigos que a gente tem são diferentes uns dos outros
 não pode ser-se amigo de ninguém três é multidão

há quantas primaveras me apaixonei por mim?
 que miragem entrevi no frio da noite à luz do sol?

esperei ainda hermético um registo fixo um raio exangue
 as minhas veias desalentamento aconchegam-me a anatomia
 epopeia onomatopeia boleia centopeia
 que saúde no teu riso! que alegria nos teus saltos corça!

CONFIDENCIAL

Mesmo que eu acreditasse ainda em ti por exemplo
 por trazeres algo de novo nos olhos
 como lágrimas ou óculos com aros de ouro lavrado

Há os que passam a vida a acreditar em tudo
 e aqueles que não em nada
 seja opinião política acto auto de fé
 um beijo de amante duma amante qualquer ou de um nome
 ou de um raio-de-luz há

Mesmo que acreditasse em mim por exemplo
 que estou vivo e me vejo ao espelho todas as manhãs
 a minha consciência-vaga-do-que-acontece
 pouco se interessaria por isso

Acreditar é pouco demais posição perante aquilo-que-se-vê
 e uma atitude de perna aberta acreditar
 uma inversão um estado espécie de parir para dentro mesmo
 um filho hediondo ou não de pai incógnito
 afogado no doce anonimato duma imbecilidade congénita
 parir um filho morto um filho-zero

Mesmo que eu acreditasse ainda e descurasse até
 a irresponsabilidade amadurecida da minha opinião
 mesmo que estivesse à espera dum suicídio vegetal
 moralmente são cheio de amarguras e ódios e frustração
 suicídio por parte de qualquer como é óbvio
 cometido na própria pessoa e à tona da figura
 própria ou impropriamente dita
 para que todos vissem bem
 mesmo que acreditasse

ORAÇÃO A DEUSES FAMILIARES

Zeus não é ninguém conhecido nunca vi Jeová nem brama
há deuses para tudo Zaratustra é uma mensagem
Ra alumia o Nilo prefiro Ápis à grande vaca do Ganges
os deuses maus têm entre si menos discórdias

um cansaço mortal tomba-me nos braços arquejo
se pedir forças ao céu mandam-me um anjo vegetariano
se tiver sede apontam-me em braçadas a imensidão do mar
na cidade há soluções para tudo toda a noite
pode ser-se até poeta de lírios sonhar alto chorar às escondidas
vendem-se cavalos de vassoura espadas de madeira elmos de papel
há mini-stores, drugstores, supermercados, stands, selfservices
na cidade está tudo feito não é preciso improvisar

doutor fausto não é uma quimera ninguém conhece o diabo
Lúcifer é o rei das brasas belzebu um anjo de segunda
o general satanás é um arquiduque que eu conheço ainda solteiro
todos os meses jantam juntos beijam-se nos olhos nunca se despedem

SECTOR PRISIONAL PRIVADO (1)

... E chamem-lhes depois cruéis aos libertados
 os homens livres que estiveram presos
 não deviam libertar-se nunca
 porque a prisão qualquer envenena a alma
 e há um vírus de peste revolta
 em todas as gaiolas

Chamam-lhes cruéis depois aos libertados
 aos que acabado o tempo expiaram pena
 e saíram pela porta principal
 sem beijar na boca o carcereiro
 sem oscular a mão sedenta do verdugo
 deixando cheiro e sem limpar a jaula

.....

Ser-se verdugo afinal é uma simples profissão sem fé
 seria bom que todos se entendessem:
 os presos e os criados da prisão são uma família
 o dono nunca lá vai
 o trabalho dele é o ter em dia a décima
 o imposto profissional o complementar
 a pagar as sisas das outras prisões
 que quiser comprar

Por isso vão pôr-se mais anúncios nos jornais
 pedindo presos para as prisões em construção
 vão encher-se todas a abarrotar
 angariadores de presos voluntários
 procedem dia e noite a treino técnico
 porque é urgente recapturar os libertados
 desintervencionar definitivamente as prisões
 independentizá-las do Estado

URBIVERBO ARQUIFUTURO

Naípe igual a sorriso
 mágoa a preencher-se: olhos rasos ...
 por companhia a rosa-branca-do-senão
 com um espinho venenoso enterrado na memória.
 Ecos de longe inteiramente alheios
 trazem a pureza morta
 dos campos intactos
 e das florestas por desbastar
 dos matagais
 da caça brava.

Em nome de viver e achado local
 num sussurro fraco com cheiro a humanidade
 a crimes ocultos e lágrimas secas
 procuram-se verbos adequados fixação escrita
 uma imposição documental
 perpetuidade histórica.

Verbo procura-se !
 um verbo inteiramente novo
 de significação definida e obediente
 às regras da mais simplificada gramática futura
 um verbo para fazer companhia às gerações
 que porventura escapem
 às chuvas radiactivas ao suicídio
 e à extinção da espécie !

Verbo procura-se !
 um verbo imprescindível aos outros,
 fácil de pronunciar e diferente
 dos verbos que as múmias guardam
 no mutismo de conserva aceitável
 pelo público dos museus.

Verbo procura-se !
 Queremos legá-lo aos herdeiros das guerras
 aos fetos dos netos das milícias de Augusto !

ADEUS SEM AMANHÃ

Vai perde-te nas sombras
 sacia-te de estrelas de alva
 tu que foste escorraçado por portas travessas
 que estiveste preso amarrado pelos pés
 à lama pegajosa e suja das latrinas

Vai que os esquifes têm ainda gente viva
 são fósseis filhos de macacos treinados
 e só no deserto é tranquila a paz e seco o ar

Não calcarás as flores que encontres
 no teu caminho acelerado em fuga
 que toda a virgindade do mundo
 está nas flores
 nunca deviam ser colhidas

Deixa-nos para sempre se é isso
 o barco está no cais à espera
 para que te vás embora para sempre
 para que se apague da lousa da tua tumba
 o nome do teu pai que foi como tu
 mas teve a honestidade de morrer aqui
 e foi o primeiro vivo enterrado nesta necrópole

Vai se é isso não escrevas nunca
 já ninguém estará aqui para responder-te
 nem quereria saber onde paraste se parares
 porque nunca foste desejado nesta terra
 porque será de mortos todo este continente

Parte e levarás contudo o nosso adeus
 e contigo a memória dum espectáculo inolvidável
 de lenços e gargalhadas a esvoaçar ao vento
 dísticos e bandeirolas bandas de coreto
 e as lágrimas insensatamente inúteis da tua mãe

Vai saciar-te de estrelas de alva
 por uma vez desaparece
 e se voltares terás à espera a morte
 que desse modo infame quiseste trair

Vai perde-te nas sombras
 que os esquifes têm ainda gente viva
 e o barco está no cais à espera

PÁTIO INTERIOR

Há evidentemente essa música também
 a gente vai buscá-la às fontes para construir hinos
 trauteia-se nos vãos dos bastidores
 antes do espectáculo das janelas fechadas
 do pátio ou do saguão
 música dever de deixar as mágoas em casa
 tristeza para trás-das-costas caracterização clown

Vocês nunca tiveram a mais estúpida vontade de chorar
 e deixar-se ficar postados às escuras tal-qual-assim
 no vão duma janela ?
 à espera de ver chegar uma pessoa amiga
 que a gente não sabe quem é
 porque os amigos que a gente tem por mais que conte
 sabem disso sempre melhor do que nós ?

Olha ! a angústia maior é não ter nem poder mudar de opinião
 consumir ideias fixas um cálix de veneno beber slogans
 como se opostamente alguém estivesse para mudar de pátria
 ou de nome de amigos de família
 mudar de pátria sem saber porquê
 e sobretudo sem vontade nenhuma
 mudar de pátria de uma vez ou aos poucos
 ou estar sempre a cada hora para mudar de pátria

O CARRO DA AURORA DE PARMÉNIDES

1.

... a que horas morrem os poetas
no teu planeta
e
quem mata as pessoas no teu planeta ?

e as flores !
de quem são a quem pertencem as flores
no teu planeta ?

explica-me coma se chama que nome
tem o teu planeta ?
diz-me que luz afoga as populações
para saber a quem desobedeceste
quando me disseres quem sou

2.

Ancorado no alto-mar-do-tempo
afundo-me qualquer coisa-fundo sereias sempre
as sereias simultaneamente e as medusas
estiveram emparedadas - quem ousou ?

Que esperar do ouro ?
suicidaste - em alma - o cântico da terra ?
por que imoralidade perfuraste as distâncias
de viajar Idade Média ?

O cavaleiro morreu barco alto-mar-do-tempo
um riso submarino algues pacificado no oceano
apodrece de elmo para baixo
peste a bordo

3.

Com	travo	amargo
um	trevo	sem esperança
uma	trova	magoada
na	treva	do presente

De um	tracto	estrangulado
Sai um	trino	proibido
a		estibordo

Se	tremo	intimo
ante o	trote	da avalanche
	traio-me	
por um	trago de fel	

4.

Tanto Guano
guano
Guiana
Guiador d'a gente
que nos guia

Gualter
Guarani
de guaraná
não iguala
o guano
que guia
a Guiana

5.

procuro o penúltimo sonho
na cidade agonizante
os homens sufocados surdos
falam por telepatia
escrevem slogans nas velhas ruas abandonadas

mora na cave um grupo de fiéis
à cidade agonizante
onde todos os dias é domingo
e a poeira intacta
espera pela chuva para tornar-se pedra

6.

Tudo	tão	música
Tudo	tão	portanto
	tão	vivo
	tão	tão
Todos	à	escuta
Todos	invenção	
Todos	tristes	
Todos	não	
Tudo	cinza	
Tudo	igual	
Tudo	nada	

7.

Problema insolúvel
uma discussão sobre o tempo

uma ignorância antiga à meia sombra
das voltas desiguais que o planeta dá
em cada ano - oculto - a lapidar as rochas
a evaporar rios secar mares
aproximar homens

o meu avô morreu
- como tens tu passado pai meu pai ?
- envelhece-se ! envelhece-se
... e eu ?

insolúvel o problema
haja uma réstia de amor
à espera do último veneno que tomar

8.

o meu planeta tem
lagos
montanhas
e três luas

para lá das grandes planícies
fica o mar
longe das florestas
o deserto

no meu planeta há o deserto
as florestas
o mar
grandes planícies

montanhas
lagos
e milhões de noites
vigiadas
de luar

VOCAÇÃO DO PASSEIO PÚBLICO

Tem a revolta que ser necessariamente um estado de espírito
ou os arcanjos têm comportamento de generais
logo que todas as coisas acontecidas forem
cavalgadas da última besta-fera do apocalipse
fim do mundo são João !

Abram-se as portas do inferno uma-a-uma
e mil e quinhentos anjos assexuados
com farda de poetas e risos roxos
hão que ser a vingança em nome do homem-comum-você
estigmatizados de fúrias e angustias mensais
irrealizados em sonhos e triunfantes da terra assassina

Executem-se com os dedos dos presidiários magros
árias de concertos nomes gregos sinfonias
nos tampos côncavos de urnas com dourados: de pau-santo
corações baqueantes sapos saltitando em tambor
imenso ! de peles de cinco ou seis cores tratadas com ácidos
ritmo de vida sociedade as raças estão diferenciadas

Escolha-se um desejo de entre cada dos vossos desejos
e guardem-no miragens numa esperança ainda
com segredos-de-cofre e seguro-de-vida nas criptas dos templos
Escolha-se definitivamente entre a revolta
e as mãos postas a imploração e a culpa

CHARCO MUNICIPAL

A-rosa-branca-do-senão é um pretexto também
desenterrar os mortos detestar mestres
mergulhar seguidamente num espasmo-de-amor trincar cerejas
e encher as mãos de moedas de ouro com efígies de rainhas
e camas de cetim aquecidas por corpos de mulher

A gente vai muito bem num barco a atravessar o rio
e nisto põe-se a imaginar milagres enquanto lê o jornal
é quando um caranguejo ávido devora nas mãos
um ano inteiro de trabalho e nasce a consciência
de não valer a pena sustentar caranguejos em colónia
impróprios para comer porque não há mercado suficientemente aberto
para isso

Os caranguejos assim são como tudo
o que não tem mercado efectivo ou potencial e
a-rosa-branca-do-senão é um pretexto também

ZONA VERDE

Não beijos o jasmim
 crepita nas mãos um bom cigarro
 poupa-te covarde ao marulhar das ondas
 e deixa parados os olhos em ti mesmo

Recordas ? ausência de caminhos
 em cada gesto a sombra
 não beijos o jasmim

Olha no vento porque tremes ?
 o passado queima-te nas mãos
 Assoa-te vermes a um lençol antepassado
 à igual à fúria dos ómnibus
 à sombra dos fiacres
 não beijos o jasmim

E a vida ? Escuta os pardais
 na música dos ventres há encantos escondidos
 da minha janela alta deduzo claridade
 a luz eclipsada faz pendant com as colcheias de Bach
 o branco de cuecas estendidas
 nas cordas dos terraços

Asco ! A pornografia é um preconceito - antipuritano
 a verdade única é pensar-se horas
 sem o tracbatrac convencional dos relógios

Antigamente - há milhares de dias eu era
 o riso jovial das gralhas
 a pureza confundia-se com a sífilis nos bairros desconhecidos
 a jovialidade das gralhas - lembra unicamente o não fazer-se nada
 o tempo é uma inconstante - varia na ordem indirecta da posse con-
 tinuada dos espaços
 não beijos o jasmim

LUPANAR À BEIRA DO CASINO

Um convir de lírica e sonhar inventos de beijo
imaginar curvas nuas vértices-magia seios
e tanta gente à volta tantas mãos-postas
à espera da queda duma estrela
ávidas de pão fácil barato

Está tão caro o dinheiro subiu o preço dos sorrisos
o futuro aparece com clarões de coriscos
e pesa-me na consciência este pavor volátil
esta ideia magnífica ébria vergonhosa
duma estética minada de angústia e de prazer

O jogador trocou as cartas baldado a copas
pelo dealbar da madrugada
luz noite cortada nada me aquece
o calor cada vez há menos e de má qualidade
neva mas que importa quero neve nos meus braços

ZONA DEGRADADA

Ainda se tempo parado
tempo falso ou tempo
inexistente
ainda se ai grito-riso ou lágrima escondida
um rasto de ti ficasse
suspenso-mágico
em cada nota musical
em cada bac-trac de sapato
pétala-de-flor sorriso ou canto de ave
ainda se

Silvo vento o que fica
acorda simultâneamente forte a angústia
solitária
onda-mar desconexão
organismo órgão organista-o-ritmo
é o que fica

Por sob tudo isso nada
um vazio imensidão de mãos enclavinadas
a querer agarrar os raios
do sol
é o que fica

E a vida-espasmo é um sino
constante eco de longe
em
longe
a pedir perdão

Ainda se
é o que fica
de lágrimas a paisagem
a pedir perdão

RUA ESCURA

O velho tem uma flor murcha nos olhos
o mundo à volta escurece é-lhe indiferente
ruas trote gente passa
olhar é isso - ver-se nada

Arrumo na minha mão fechada espelhos
dedos solitários - reflexo nada
onde estou que me espero procurado
visto nos lugares onde não estou ?

E o velho ? terá esperança de mais sol ?
escurece ruas gente passe a trote
uma a mais uma a menos qualquer coisa
olhar é isso - ver-se nada

... SMOG

Uma hora a mais e estou perdido
o ar que te roubei escasseia veneno cega-me no ventre
o ar que me resta é teu - pertence à tua morte

É turbilhão (sismo ou hecatombe)
o passado angústia queima-me nas veias

O ar que me resta - estrôncio
roubei-to pertencia à multidão

ATLANTIDA neutronbomb*(quando o Dórdio casou com a Natália Correia)*

a causa e o efeito
o sítio e o signo
a cor da pele

vou tingir de negro
os meus cabelos brancos
vou regressar ao ponto morto
cobrir-me de glória
e pétalas roubadas
à coroa de flores de noiva fenícias
a um marinheiro celta

o canto e a queda
a sede e o salto
o mar de palha

vou tirar à sorte
uma folha do calendário
se hei-de renascer daqui
por três mil anos
o meu pasmo vai ser
não lembrar o dia de hoje neste sítio
arquivado na memória

GUIGNOL

Gargantua a comédia começou circo e pantominas
e que mais ? queres archotes
e fachos
e castiçais de prata ?

Grande invento foi a luz
do sol
queria guardá-la num bolso junto à alma
para ter qualquer coisa inventada durante a noite
construída em sonhos e vampiros
de sonhos

Depois se eu fosse um pouco em todos os aos
de Shakspeare, de Shaw, de Rabelais, de Kipling
se gerado de chispas e girândolas de estrelas
fosse príncipe pobre no Guignol incendiado !
ficar sem emprego cabelo chamuscado
a prisão perdida dos movimentos que me davam
livre de liberdade tinha a minha espera crença

Grande invento foi a luz
do sol

AEROPORTO

não pode esperar
o poema

a hora do anoitecer
tece uma teia de penumbra
semeada de tições
ao longo das ruas

não pode esperar
o poema

os últimos risos da tarde
somem-se na brisa
árida
e fria
freme a teia
tremem os tições

não pode esperar o poema

alongam-se
alargam
as sombras enchem de noite
a alma das crianças pobres

não pode esperar
o poema

é preciso
é urgente reinventar o dia
iluminar os olhos por dentro
com velas de altar e estearina
ou seguir pelo poente atrás do sol

não pode esperar
o poema

atrás das pálpebras o mundo
e as mãos vazias voltadas ao céu
sedentas de espaço
enclavinham-se
porque

o poema

não pode esperar
o poema

PACTO COM O INVASOR

Vou buscar-te Buda
Vou gloriar-te Brama
Vou glosar-te Cristo
Mahomed imitar-te Allah
Vou gritar Adões
a Jeová
violarei nuvens
agredirei viúvas
matarei moedas
cunharei poemas
Vou pipe-line
Vou oriente-ar
Vou voar

CAIS DE EMBARQUE

(em memória de Romeu de Melo)

Tens mais um passageiro
Levas mais um mundo inteiro
nos braços de ninguém
perfurando o mundo
rasgando o universo
enquanto o vento sopra abertos
os olhos postos na eternidade
onde flutua o corpo morto
dum marinheiro

Não começou ainda a batalha
e já está escrita a epopeia
anuncia-se teatro a antestreia
... o mar da Galileia
e todos vão descalços
pegar as redes do pescador
moribundos às escuras

A cada som correspondeu
um golpe de ar primeiro
depois um fura-cão
e um sereia

Ninguém sorri ao cântico da paz
porque estão imensamente tristes
os poetas sobejantes sentados
de costas para o mar

EUROPA ?

(ao meu amigo-irmão Pedro Luís de Castro)

Sobeja-me um adeus pálida Europa
e o meu escárnio é uma vergonha orgulhosa dissipada

Num desprezo de gente à fome e livros de luxo
sinto na venta o bafo dos que perdem
dos que passam noites à vela
a procurar na história da humanidade
os seus antecessores no direito
de a salvar

Eu que fui alguém no mundo gato acossado
por unhas-de-fome e cães de pesadelo
eu que fui no mundo senhor-de-sala-e-de-nariz
atrofiado pelo medo incómodo de falar alto
para não acordar as crianças doentes do meu país
eu Europa estou aqui por dizer-te sim
e por dizer-te não ao mesmo tempo

Infinitamente esférico o infinito
dá-me o sabor exacto do solo da minha pátria
onde os gerânios se dobram ao vento
e os escravos bem alimentados têm dinheiro a render
onde eu que fui alguém no mundo pasmo de encontrar-te

Quero afundar-me de sonho inundar-me em sono
e não ressuscitar à mesma hora a que morrem
os meus irmãos de seiva
os que passam noites à vela
sonhando com o método infalível
de ganhar na vida e não perder mais revoluções

Que os testas os cabeças e os pescoços
estão à venda e com baixa cotação
no mercado mundial no mercado livre e no mercado negro

Sobeja-te um adeus pálida Europa
e o meu escárnio é uma vergonha orgulhosa ultrapassada

MILITÂNCIA

(ao João Soares)

Aqui onde me encontro
nem sei onde nem porquê nem desde quando
não pensem que fui eu
acreditem não vim sozinho

Éramos muitos encadeando os olhos
uns dos outros
no fulgor da nossa juventude
davamo-nos as mãos por subir mais alto o sonho
mãos nas mãos solidárias entressocorro
aliado da escalada o cansaço venceu-nos
as mãos pesaram lassas
as pernas dobraram frouxos os joelhos

As mãos enclavinhadas peso-morto náufragas
dos mais débeis estorvo foram desligadas
rebanho tresmalhado comboio desfeito caos
e começámos a ficar pelo caminho

Aqui onde me encontro
nem sei onde nem porquê nem desde quando
não pensem que fui eu
acreditem não vim sozinho

CAFÉ (1959)

Convívio em ilha mesa de café
 pastoreio os olhos no mar de cabeças
 cachos de cabeças pedunculados nas cadeiras
 ilhas em colónia arquipélagos de coral

congregação sonora musica cimentada
 diapasão tripé uma abóbada de luz
 longínqua na bruma fumarenta da cidade

cai na vertigem do espaço o eco das horas
 um ponteiro empoeirado tomba do altíssimo
 fere a espada empoeira inundante
 diluí o tempo no espaço das vidas separadas

o ca-fé vai fechar o istmo
 o arquipélago despovoa-se
 a espuma brumosa da madrugada
 abraça a angústia silenciosa dos retardatários

não temos para onde ir
 o dinheiro só pode comprar túneis
 entretece de movimento a rede marsupial
 da cidade
 das toupeiras fotófobas em que a população
 se transformou

Da poeira milenar que recende a convento
 cai mais uma folha de agenda
 tremem os segundos vibrantes dos despertadores
 as primeiras sirenes do despertar
 no processo humano a corrupção eterna
 do calendário

é preciso estar-se preparado para passar
 mais todo um dia em claro
 porque a iluminação pública se perdeu
 ante a hegemonia perpétua
 da luz que invade totalmente
 a madrugada

PUBLICIDADE POLÍTICA

(ao Rui Perdigão)

cópia de anúncio com verso em branco
colada à porta fechada da paz

- tens sorrisos arlequim ?
- tens carícias benjamim ?
- tens lírios-do-campo jardim ?

cópia de anúncio sangrando uma seta
rasgada na porta fendida da guerra

- chamas-te marte Cabral ?
- chamas-te morte Hannibal ?
- chamas-te meu PORTUGAL ?

cópia de anúncio colada ao contrário
na porta caída da desilusão

- vão respeitar-te amor ?
- vão decapitar-te flor ?
- vão irradiar-te terror ?

SECTOR PRISIONAL PRIVADO (2)

(a 23 dos meus companheiros de prisão, em 1972)

na minha raiva contida autodesprezo
totobola dos presos totoprisão
está-me tudo fora do espaço
mágoa profunda o alcance da mão

voar voar por sobre tudo
aparar golpes de espírito mudo
calar o poema fazer com a alma um escudo
cair da minha boca no teu peito de veludo
troçar de mim para dentro em riso agudo
e os guardas são escravos a-penas da nação
a liberdade não tem dono tem um preço
totobola dos presos ponta de aço
mascarada de um processo alta traição

ALMADA NEGREIROS

Poema de cada amanhecer
um contar tempo pêndulo compasso
espera - a luz
uma vulgaridade ainda - mais - por descobrir

Sofrear de fomes
e temer regresso inquisição força
nó corredio

Avança mais sobre mim roda
Imunda carro da aurora
celebrada à hora do deitar de Sócrates-o-culpado

Por não ter sido antes de ti Cassiopeia
contemporâneo de ninguém
passado confundido - daqui e do além
fui esperar nas madrugadas
o desfechar da escuridão na bruma
por sob a luz confusa
dum sol que não é meu

Não sou daqui terráqueos vim do espaço
ainda que amortalhado na farda dum exército europeu

DISCURSO (datado) À POPULAÇÃO

(após uma «conversa em família» de Marcelo Caetano)

povo que tens
 cabeça oca língua porca dentes castigados
 e cada mês que passa o mesmo dia seis
 povo que tens
 o mapa orográfico do meu país no velho rosto
 cavando-te pés de galinha nascentes de rios salgados
 selos envelopes lápis e papéis
 povo que tens
 o nome honrado dos mártires nos olhos
 o pasmo de séculos a ignorância acumulada em tantas gerações
 montadas em corcéis
 povo que tens
 tanta vontade de ser tanto amor no peito
 tanta fome escondida tanta fé cansada
 tantos chocolates tantos caraméis
 povo que tens
 suspiros em vez de raiva em cada frustração
 barcos de jornal de ir à Índia nos charcos da povoação
 patos bravos e cobras cascavéis
 povo que tens
 uma voz calada pelo sibilar dos apitos
 silenciando-te os excessos quando és multidão
 e esqueces as leis
 povo que tens
 a espinha dobrada e missa cantada
 baldios retratos
 São Vicente e os painéis
 povo que tens
 um arado uma espada a promessa adiada
 esperanças goradas filhos oh mães
 povo que tens
 o mar junto às praias
 o chão sob os pés a justiça na mão
 em mito a fortuna a sorte e os reis
 povo que tens
 aulas nocturnas cinema barato
 casas de fado casinos bordéis
 povo que tens
 poetas no ventre futebol ao domingo
 vinho no tasco sonhos nas camas dos bordéis
 povo que tens
 a escolha tribunais prisões
 dinheiro ao dispor nos Bancos dos jardins

escravas arrecadas brincos cordões e anéis
povo que tens
aquilo que tens (e se não concede-se-te um desconto)
porque a ambição é má conselheira
e oito e oito são dezasseis
povo que tens
o que não tens e a noite - aproveita-a - que é de graça foi-te dada
e se dormires
podes sonhar com o vinho tinto pão e menos dois pasteis

NOCTIVAGOMANIA rusticana*(ao Hugo Beja)*

um precipício inteiro
companhia de passeio um canto matinal

taxi precisa-se de urgência
há uma pressa volátil no ar
e eu tenho um sorriso apenas no olhar
por companheiro

o resto é o meu corpo abandonado
bacarat tracejo relâmpagos
na solidão da cidade
periféricamente desmentida

o meu refúgio é o escuro
o breu ambíguo da noite
o desafio à guerra

o resto sou eu é o meu corpo
todo sombra negrume
tudo nu

adjectivo possessivo
onde está o adjectivo ?
ando à procura mestre !
do adjectivo

CIDADANIA*(ao Fausto Boavida)*

a decisão tem a sofrença cáustica da volúpia
a guerra um beijo e dois perdões
uma pessoa nasce e começa logo a doer-lhe tudo
só depois é que se sabe
o que vale a pena
o que val-de-vinos
o que val-passos
o que val-de-caixa
o que val-de-lobos
o que val-do-rio
o que vale da morte
o que vale nada
o que vale tudo
o que val'a vida
o que vale de besteiros
o que val-ido
o que val-ente
o que val-então
o que val-perdido
... então a sociedade toma conta da gente
ganha-se dinheiro para comprar comida
respira-se com direito a voto independente
uma pessoa renasce e recomeça a doer-lhe tudo

DEMOGRAFIA «up to date»

(ao António Valdemar e ao Jorge Daun)

Subjazem mortos de sonho
mortos de velhos
mortos de sono

... os olhos postos no meu passado vivo

Sobrelevam-se mortos de fadiga
mortos de raiva
mortos de riso

... os meus ouvidos de cada vosso dia

Sobrevoam-se mortos de esperança
mortos de guerra
mortos de encanto

... os sonhos de cada hora por viver

Subtraem-se mortos de bêbados
mortos de ricos
mortos de calor

... os gastos inerentes à nossa sobrevivência

Subjugam mortos de sede
mortos de fome
mortos de febre

... os resíduos da decência com que lutaram os antepassados

Submersos mortos de vida

OLYSSIPO - o mito Atlântico

(ao Fernando do Carmo Vaz)

o poema ficou perpetuamente
escrito em qualquer parte
contém-se na arca do tempo
sepulto nas ruínas da cidade antiga
uma grande cidade antiga
e não é o alicerce do pavimento
da minha rua de hoje ?

o poema continua intacto
cheio da eternidade do lugar
em que foi precisamente feito
transformado em pó azul
absorvido em brecha
dissolvido em sedimento
sob toneladas de basalto

o poema permanece vivo
no sítio em que nasceu
com dois dedos da alma do poeta
e um infinito inteiro de raízes
tecendo ao longo da cidade morta
um pesadelo nascido nesta data

o poema detém
a história de como mataram a cidade
o modo inventivo de estar escrito
a força inteira de existir
e o soluço da sua diluição
na massa compacta do passado

GNOSEOLOGIA DO LEGALISMO

(no dia em que a PIDE matou um amigo meu)

FIM DE CAMINHO: num letreiro

o libertário intuiu que outro homem usara a sua língua.
Retirou o letreiro e prosseguiu a jornada

Adiante asas de anjo-bom fardado autor do texto,
fazia rudemente um laço no extremo da corda natural
pendurada ao extremo horizontal dum santolenho

- foste tu quem pintou aquele letreiro ?
perguntou lúcido o ingénuo aventureiro - voz sem timbre
- sim fui eu porquê ?
- que direito te assiste ? - contrariou - pânico no ventre
- o de ser minha a forca! tenho comigo papéis

ex-LIBRIS*(ao Nuno de Miranda)*

Dez horas à noite no verão
 uma esplanada à beira-Tejo
 na escuridão leio na memória
 da água a travessia do Tempo
 escrita na trajectória da maresia

vêm dos confins de Espanha
 restos de hordas continentais
 fugidas aos sinais do norte
 à fome à sorte dos ventos ruins
 pelos jardins marginais
 procriar guerreiros no corpo viúvo
 das mulheres dos marinheiros

descendem de colonos e aventureiros
 filhas de feitores cartagineses
 navegadores gregos de Alexandria
 comerciantes fenícios e piratas
 turcos transumantes dalmatas e persas
 escravos marroquinos e náufragos errantes

ex-donos do futuro
 levados pela corrente
 para o mar largo
 pescadores mortos
 bóiam à tona d'água

*(o blackout é cortado pela explosão da luz reacendida
 e traz de volta a cidade à pacífica invasão do séc. XX)*

cais do Sodré junto à Ribeira
 à beira longa do estuário
 no mapa portulário de Lisboa

o eléctrico de Xabregas saracoteia
 na linha a abarrotar de sono
 gente das docas do lado de Algés

solta-se do caos um estampido
 no ruído reorganizado
 interrompido da cidade
 o Tempo regressa ao rio

DESTRUIÇÃO CIVIL

Continuemos a desperdiçar o tempo
 como quando deixou da haver reis pequenos e grandes
 neste país de fronteiras inimaginárias
 que se chama passamento

Partamos à busca de ilusões
 rio abaixo a todo pano
 para que um esquecimento mais total
 e exacto
 caia como bruma sobre nós

fujamos de cabelos ao vento
 sobre todos princípios morais galgando escadas
 bebendo mares triturando rochas
 Acariciando frondes de árvore

Façamos da razão um continente ultrapassado
 para deixar às mãos vazias
 daqueles que há muito abandonamos

Apaguemos as pegadas por muitos anos-neve
 inutilizemos os detectores das ruas
 enganemos os discípulos de cristo
 assassinemos as aves aquáticas
 e destruamos bárbaros tudo
 à nossa passagem
 para que nunca saibamos de onde viemos

Arranquemos as memórias completamente
 para que o futuro não conte
 e o presente se anule invariavelmente
 com todas as promessas e canseiras
 que tivemos a cobardia de suportar

.....

E como nada se modificará
 e todos vão habituar-se à nossa ausência
 e ninguém içará pendões nem fará brindes
 nem terá sorrisos nos olhos enxutos
 façamos da nossa nudez a bandeira da loucura
 e acreditemos que a civilização só existirá nas flores

O AUTOR:

José-Luis Ferreira nasceu em Viseu, 1938. Sociólogo, escritor, investigador de arte, gestor e consultor de empresas. Estudou em Paris¹, (e estagiou² em) Bourges³, Orléans⁴, Bruxelas⁵ e Anvers/Antuérpia⁶. Foi professor-convitado (investigador e docente), em cursos de pós-graduação universitária⁷. Dedicou-se, desde a década de 70, a projectos de *marketing-creative* e promocional, de planeamento e gestão empresarial, estudos de *corporate image*, publicidade institucional e *advertising* promocional, em serviços e novos produtos (bens duradouros e de grande consumo)⁸. Tem exercido cargos de administrador, gestor e consultor técnico⁹ em empresas de estudos socioeconómicos e em sectores empresariais (ramos imobiliário, turístico e transportes), tendo participado em vários conselhos de administração¹⁰ de sociedades anónimas, como responsável por pelouros de áreas de gestão technoeconómica e financeira, relações públicas e negociais. Tem vindo a participar (como coordenador, técnico superior¹¹ e consultor) em equipas pluridisciplinares, para estudos de projecto em áreas diversificadas: *turismo de espécie e cultural, infraestruturas de urbanoturismo*, tecnologia industrial, científicas culturais. Tem desenvolvido várias iniciativas e eventos culturais e estudos de investigação (como crítico, promotor, escritor e divulgador de arte¹²), intervindo em peritagens e como membro de júris em concursos, no país e estrangeiro. Exerceu funções de adjunto e assessor em gabinetes ministeriais, participou em comissões do Governo (após 1975¹³) e foi diplomata¹⁴, nos Países-Baixos. Autor de artigos, ensaios, palestras, conferências, monografias e prefácios em catálogos de centenas de exposições de artistas plásticos contemporâneos, participou e interveio em congressos, simpósios e diversos júris de Colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Vasta bibliografia (poesia e ficção) editada¹⁵ e inédita. Colaboração esparsa (na imprensa¹⁶ regional e diária, revistas especializadas, rádio e TV¹⁷).

Membro, entre outras, das Instituições: *Sociedade Portuguesa de Ciências Sociais e Humanas, Sociedade de Língua Portuguesa, ANAP-Associação Nacional dos Artistas Plásticos*¹⁸, dos Comitês de Portugal para a AIAP- Association Internationale des Arts Plastiques (UNESCO) e *Luso-Galaico para o Desenvolvimento Cultural* e do *Círculo Cultural e Artístico Artur Bual, Ass. Les Amis de Marcel Gili, etc.*

e-mail: alcoba@netc.pt

¹ *Sciences Sociales* (UCP Hum.) | 1961-65

² bolseiro do Estado, da Fund. Calouste Gulbenkian, da JTCS, da S. C. C. e outras instituições mecenáticas

³ tese (Dr^{at}) *Intégration des Arts dans l'Architecture des Sociétés Occidentales Contemporaines* (patrono Prof. H.Malvaux) ENSBAAI | 1966

⁴ Assistente do prof. Marcel Gili (Sc.Sociales appliquées. *Sociologie de la sculpture Pth*) | 1964-67

⁵ Institut du travail (ULB Mast^{er}.) 1971

⁶ Gestion et Planification du *Développement Economique* (*lic./M^{ter}P^hC*) | 1970

⁷ ant.º Instituto de Orientação Profissional / U.L. (cad.^{ras} de Sociologia I e II e Estruturas Socio-Económicas) e de pós-graduação (Sociologia da Comunicação) in *Cursos de Formação on job*, da RTP - IEFPP | 1976-77 e 1993

⁸ Investigação e pesquisa de mercado, estudos, criação e planeamento estratégico em campanhas publicitárias para os *massmedia* (*copywriter sênior e Director Criativo*), em agências de publicidade nacionais e estrangeiras: SPSP - Serviço de Publicidade Suiço-Português, Ltd./ Publicis, sa/ Mc Cann Erikson, sa/ Promo-NCK, sa | 1970-76

⁹ Agrinco, sarl / Transitum, Ltd / Probeta, sarl / OPL- urbanisme, architecture, architecture d'intérieurs et décoration / Pref.67/ Calorel,sarl / Silux,Ld./Gab.Est.Engº.AlmeidaGarrett/DeltaFoods,Ltd/Interfina,SA/GrupoCentreI-EID,SA/Hidroterra,Ld/ATISO/Socovias,sarl/Tecnobrita,Ltd/ Pereira Costa Ld./Grº.Terrazul-Sulpedras / EECOG, Ld. / Arca-Filme / Zoom'out / Vilamoura-LeClub/Compta-RH / Civiconsult,Ltd / Tabaqueira,sa / Operação Capital / etc.|1997-2000

¹⁰ Aga, Editora,Ld./ Turisbel,sarl (Óbidos)/ Urbanitel,sarl / Soc.Com. Guérin,sa / InterRent (gmbh) /Grutas Sra. do Cabo, sa (Sesimbra)| 1979-95

¹¹ quadro superior da Expo'98: Análise-Coordenação|Planeamento Estratégico/D-G.Operações (1997-99), Consultor actual Mkt & Gestão | 2002

¹² autor de estudos monográficos, de vários artigos publ. em livro e na imprensa diária e revistas culturais e de especialidade, de prefácios em catálogos, palestras e conferências, comunicações em simpósios e congressos, em Portugal e no estrangeiro | 1961-2002

¹³ Ministério da Agricultura e Pescas (Assessor e Adj. do Minº), Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria e Subsecretaria de Estado da Comunicação Social: *Comissão de institucionalização INOP- INEO(Vice-Pres.)* | Gab. Estudos de Opinião (*Dir.Serv.*) | 1976-78

¹⁴ Ministério dos Negócios Estrangeiros (*Adido de Imprensa/Cons.Cultural Embaixada de Portugal em Den Haag-Paises Baixos*) | 1979-80

¹⁵ Livros inéditos (11) editados (6 títulos|11 vols. Editores: IPM-MA, Aveiro, Polígono, Porto Universitária Editora) *aut.div.* prefácios e posfácios

¹⁶ desde 1953 (Director da revista ARTE da Sociedade Nacional de Belas Artes 1962/64) últimas publicações in «Espaços», «Casa & Jardim» e Jornal «Artes&Artes» | 2002

¹⁷ RTP (Prod.Ass.1970-71), WDR «Ihre Heimat, Unser Heimat – Soziale Politik & Kulturel» 30 progrs.(*Report Research Cultural Advisor*) | 1982-86

¹⁸ Presidente do Conselho de Parecer Profissional (mandatos suc.^{vos.}, desde 1995, até 2003 Dezembro) | 2002

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

Conheça nossa seção especial:



o portal do Romantismo Brasileiro e Mundial,

onde você encontra gratuitamente e sem propaganda:

publicações, e-books, downloads, consultas on-line, resumos, biografias, bibliografias, artigos.

romantismo.org



Diretor Geral

[André Carlos Salzano Masini](#)

casadacultura.org

